

Presidente da Funai demite-se e critica FHC

Frederico Marés estava com os índios que foram agredidos por policiais na Bahia

NÉLIA MARQUEZ

BRASÍLIA – Um dia depois de ter anunciado seu pedido de demissão, inconformado com a violência empregada para reprimir a manifestação dos índios em Santa Cruz Cabralia, o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Carlos Frederico Marés, definiu como “um fracasso” as comemorações dos 500 anos do Descobrimento.

“Essas comemorações começaram com a destruição do monumento feito pelos índios e acabaram com a repressão à marcha; parece que aconteceu em uma semana o mesmo que ocorreu nestes 500 anos”, disse. “Não posso compartilhar disso de jeito nenhum.”

Marés voltou a Brasília na noite de sábado. Hoje pela manhã, apresenta o pedido de demissão ao ministro da Justiça, José Gregori.

Para ele, um pedido de desculpas do presidente Fernando Henrique Cardoso pelos excessos da política baiana é completamente desnecessário. “Esse incidente deve servir para uma reflexão dele sobre como organizar o governo e para uma revisão de rumos”, disse.

Ele acha que seu sucessor deve prosseguir na política de revisão da demarcação das terras indígenas com ampliação da melhoria da situação ecológica das terras, orientação que tinha acertado com o então ministro da Justiça, José Carlos Dias – que o convidou para o cargo – e aprovada por Fernando Henrique.

Ainda em estado de choque, pois estava no meio dos índios quando a polícia baiana começou a lançar bombas de gás lacrimogêneo, Marés culpou pelos excessos cometidos contra os índios as declarações de Fernando Henrique e do chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Alberto Cardoso, de que não seria permitida a presença de manifestantes em Porto Seguro. “Foi o sinal claro para a atuação da polícia”, afirmou. “Foi um erro do presidente ter apoiado esse esquema de segurança.”

Segundo Marés, a ação dos policiais deixou os índios surpresos. “Era a primeira vez que eles faziam uma manifestação e vinham caminhando de forma pacífica, quando os policiais começaram a agre-

dir”, contou. “Eles ficaram tão assustados com a violência que correram do local e foram embora.” A intenção deles, conforme Marés, era que a marcha chegasse a Porto Seguro e uma comissão apresentasse ao presidente um documento.

Monumento – O incidente de sábado foi, na sua definição, não apenas a gota, mas “a enxurrada de água”, para o seu pedido de demissão. Ele admite, porém, que a partir da derrubada do monumento que vinha sendo construído pelos próprios índios em Coroa Vermelha, começou a amadurecer a sua demissão. “Eu ainda achava que poderia ser diferente e tudo poderia correr sem traumas”. A negociação entre os povos indígenas e o governo estava sendo feita por Marés. A partir do dia 13, dia em que o presidente Fernando Henrique

recebeu uma comissão de índios com a intermediação da Funai, Marés disse que a fundação foi excluída do planejamento sobre a segurança do movimento. “Rompeu-se aí o diálogo entre o movimento dos índios e o governo”, afirmou.

Ao tomar conhecimento da intenção do policiais, Marés disse que procurou os responsáveis pela segurança tanto da Presidência da República quanto do Ministério das Relações Exteriores. Não teve sucesso em nenhuma de suas investidas. No seu entender, o ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca, não teve responsabilidade pelo incidente. “Ele fez apenas a festa”, afirmou, acrescentando, porém, que acha que o esquema de segurança armado em Porto Seguro teria o apoio de Greca. Para ele, em vez de agredir os índios, a polícia baiana deveria ter garantido a segurança da marcha indígena. (Agência Estado)

FHC DEVE REFLETIR SOBRE INCIDENTE, DIZ

Polêmica deu projeção nacional a Marés

Carlos Frederico Marés de Souza Filho assumiu a presidência Funai em novembro de 1999, substituindo Márcio Lacerda, que deixou a entidade oito meses depois de ter sido nomeado pelo ex-ministro da Justiça Renan Calheiros. Lacerda pôs o cargo à disposição para que o novo ministro, José Carlos Dias, tivesse liberdade para formar sua equipe.

Considerado um dos colaboradores mais próximos de Dias, Marés ganhou projeção nacional em fevereiro, durante a polêmica demissão, por fax, do sertanista Orlando Villas Boas como assessor da Funai, por acumu-



Índios xavantes e meinacus dançam para autoridades na abertura da 'Mostra do Redescobrimento'

Dida Sampaio/AE



Frederico Marés era tido como um dos assessores mais próximos de José Carlos Dias, ex-titular do Ministério da Justiça

lar o cargo público, pelo qual recebia R\$ 1.300,00, e sua pensão. O caso alcançou repercussão internacional e o presidente Fernando Henrique Cardoso desculpou-se com Villas Boas.

Advogado, de 53 anos, professor da Universidade Católica do Paraná, Marés foi filiado ao Partido Comunista na juventude, preso durante o regime militar e exilado entre 1970 e 1979, quando voltou graças à Lei da Anistia. Foi procurador-geral do Paraná no início da década de 80, durante o governo Roberto Requião (PMDB) e secretário da Cultura de Curitiba entre 1983 e 1988. (Elizabeth Lorenzotti)